
Pensamento crítico: um estudo exploratório sobre a noção em pesquisas no campo da Comunicação Social¹

Vitória K. R. Pereira²

Juliana Petermann³

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

RESUMO

Partimos de um diálogo entre Paulo Freire e bell hooks para contextualizar o processo de pensamento crítico e delimitarmos tensionamentos sobre o campo científico da Comunicação. Configurado enquanto um estudo exploratório quantitativo, este artigo visa uma mensuração sobre a noção de pensamento crítico (PC) em pesquisas no campo acadêmico da Comunicação Social no Brasil. Com um total de 24 pesquisas levantadas, observamos como em cada uma dessas o termo foi utilizado. Conforme verificamos em cada um desses trabalhos, há a menção ao termo pensamento crítico, entretanto nota-se a falta de aprofundamento e consenso para a determinação do significado desse conceito. Dessa forma, é possível analisar, à luz da formação acadêmica em Comunicação Social, que a vertente dos estudos de pensamento crítico ainda não foram contempladas ou se existem, ainda são emergentes.

Palavras-chave: Pensamento crítico; Ensino; Formação; Comunicação; Campo científico.

1 Ponderações iniciais

Este artigo é resultado de um estudo exploratório desenvolvido a partir da pesquisa de doutorado da pesquisadora cujo propósito de investigação está em mapear as práticas institucionalizadas de diversidade, equidade e inclusão (DE&I) existentes no subcampo do ensino de publicidade e na formação acadêmica e profissional das e dos agentes de conhecimento do campo, isto é, seus discentes, docentes e egressos.

Pensando em compreender os usos do termo e noção de “pensamento crítico” em pesquisas da grande área de conhecimento de Ciências Sociais e Humanas, através da subárea da Comunicação Social, visamos um estudo bibliográfico e exploratório inicial no campo

¹ Trabalho apresentado no GP Publicidade e Propaganda, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. E-mail: vitoria.pereira@acad.ufsm.br.

³ Doutora em Comunicação, professora do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. E-mail: petermann@acad.ufsm.br

científico da Comunicação e em seus subcampos científicos (Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Relações Públicas, Produção Editorial, Produção Audiovisual).

Enquanto pesquisávamos o termo pensamento crítico (PC), percebemos algumas divergências de significados e trivialidades que partem de visões consensuais em seu uso. Por isso, buscamos, inicialmente, traçar um levantamento de artigos científicos, monografias, dissertações e teses no campo da comunicação que, de alguma forma, empregam o termo PC em seus textos, análises ou palavras-chave, para, dessa forma, desenhar um breve estado da arte. Aqui, revelamos alguns dos nossos achados e pretendemos um diálogo para desvelar algumas possíveis noções sobre o que é e como é utilizado o termo pensamento crítico nos estudos científicos e acadêmicos de comunicação.

Mapeamos um total de onze (11) artigos científicos, nove (9) monografias, duas (2) teses e duas (2) dissertações. Totalizando vinte e quatro (24) pesquisas mapeadas em dois indexadores, Google Acadêmico e Scielo Brasil. Indicamos que dois artigos foram mencionados em nosso escopo, porém foram retirados por conta do marcador temporal escolhido para a composição dos critérios de seleção.

No tópico a seguir, apresentamos um diálogo sobre a noção/conceito de pensamento crítico, no tópico três aferimos uma aproximação com o campo da comunicação, especialmente atrelando ao subcampo do ensino de Comunicação. Para o tópico quatro, nos voltamos aos protocolos metodológicos do artigo e no último tópico, findamos com nossas ponderações finais.

2 O processo de pensamento crítico: um diálogo poético, engajado e crítico a partir de bell hooks e Paulo Freire

O que é o pensamento crítico? Uma pergunta que, até o momento, não temos uma resposta. No entanto, temos a curiosidade movente para tentarmos, ao menos, chegar em possíveis explicações sobre essa noção. É sabido que no tempo social contemporâneo em que vivemos, as transformações sociais, culturais, sensoriais, culturais, entre outras tantas, especialmente aquelas advindas do cenário tecnológico e digital, são intensas e, por vezes, irreparáveis.

Diante de um contexto contemporâneo balizado por mutações que atingem diferentes campos, os campos sociais, educacionais e científicos se tornam um espaço de batalhas e lutas constantes, o que exige que nós, profissionais destes campos em questão, tenhamos que nos

preparar para o enfrentamento de adversidades sociais, culturais, políticas, ambientais e, sobretudo, tecnológicas, por exemplo, diferentes das quais, *a posteriori*, costumávamos nos deparar.

O ensino superior, especialmente no campo da Comunicação Social, grande área de conhecimento das pesquisadoras, é diretamente influenciado pelas mutações sociosimbólicas e sociotécnicas que afetam desde as práticas pedagógicas do subcampo do ensino até as habilidades profissionais manifestadas no mercado de trabalho. A forma como ensinamos, aprendemos e produzimos também são afetadas por essas configurações de sociedade, requerendo e desenvolvendo, dessa forma, outras possibilidades de se pensar o ensino, a aprendizagem, as práticas pedagógicas e educacionais, as habilidades profissionais e até mesmo, o próprio campo — científico e social — da Comunicação.

Nos embasamos teoricamente em bell hooks (2020) pela sua obra “ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática”. O livro é uma escrevivência (Evaristo, 2003) bibliográfica da autora que transcende para além de sua trajetória no campo educacional, e propõe, em diálogo crítico com Paulo Freire, um panorama da prática de liberdade através da pedagogia crítica e engajada. Pedagogia essa que é uma possibilitadora para o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem, marcadas pela comunicação e pela relação de equidade, diversidade e inclusão entre professores e estudantes.

“O cerne do pensamento crítico é o anseio por saber — por compreender o funcionamento da vida” (hooks, 2020, p. 31), pela perspectiva criativa e alegórica que hooks apresenta em primeiro momento. Desse entorno, todas e todos enquanto seres pensantes, temos a predisposição para o pensamento crítico, em especial, as crianças. Segundo a pensadora, as crianças anseiam por conhecimento, com suas fases indagadoras e questionadoras, elas desejam saber o quê, quando, como, onde e o porquê da vida. E, nessa busca por respostas, aprendem, quase instintivamente, a pensar.

Entretanto, esse processo de busca por respostas que as crianças possuem nesta fase da vida, acaba por ser discriminado pelos adultos, por várias às vezes. Isto porque seus familiares reprimem as constantes dúvidas que surgem com respostas tendenciosas de obediência e conformidade, logo “a maioria delas é ensinada desde cedo que pensar é perigoso” (hooks, 2020, p. 32). E nesse caminho tortuoso que as faz parar de gostar do processo de conhecer e pensar, começam a ter medo de uma mente pensante (hooks, 2020). Em virtude disso, quando essas crianças se tornam jovens adolescentes e começam a ocupar os espaços das salas de aula

da escola ou da universidade, a maioria destas e destes estudantes acabam tendo pavor de pensar, de questionar e de aprender.

Esse pavor de pensar, aprender e questionar, muitas vezes é bancado por um ensino bancário, o qual visa apenas a passagem de conteúdo aos estudantes, o consumo passivo de informações que sai da professora e/ou professor e passa as suas alunas e alunos. “Os estudantes que padecem desse medo, vão às aulas supondo, com frequência, que não será necessário pensar, que tudo o que precisarão fazer é consumir a informação e regurgitá-la nos momentos apropriados” (hooks, 2020, p. 32). Em suma, é notável haver ainda hoje, sobretudo em espaços tradicionais de ensino, a falta de incentivo ao pensamento independente e autônomo das e dos estudantes.

Estudantes não se tornam pensadores críticos da noite para o dia. Primeiro, eles precisam aprender a aceitar a alegria e o poder do pensar propriamente dito. A pedagogia engajada é uma estratégia de ensino que tem por objetivo recuperar a vontade dos estudantes de pensar e a vontade de alcançar a total autorrealização. O foco central da pedagogia engajada é capacitar estudantes para pensar criticamente (hooks, 2020, p. 33).

A pedagogia engajada, conceito proposto por hooks, foi idealizada a partir do pensamento freireano e de sua pedagogia crítica e libertária que envolvem o campo da educação e do ensino brasileiro, mas que ultrapassaram as barreiras geográficas e se tornaram globalmente conhecidas, utilizadas e respeitadas.

No prefácio da edição brasileira da obra de hooks (2020), escrita por Sérgio Haddad, há a pergunta “o que levou bell hooks a assimilar tão fortemente seu pensamento (o de Freire)?”. Nas palavras de Haddad (2020, p. 14): “Freire afirmava que o ser humano, diferentemente dos demais seres vivos, seria capaz de aprender e ensinar e, com isso, construir um mundo que fosse de interesse das diversas comunidades, grupos sociais e da sociedade”. Sobretudo, Freire sempre alertava o papel fundamental da educação, pelas suas educadoras e seus educadores e o desafio de unir a educação com o desenvolvimento de um mundo e uma sociedade mais justa e democrática.

O pensamento crítico perpassa o senso de coletividade, liberdade e esperança, para ambos pensadores. Em especial, para Freire, a ideia de uma pedagogia crítica, que visa a autonomia de seus sujeitos e a superação da situação opressora, implica o “reconhecimento crítico, a “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais” (Freire, 2023, p. 46).

Em conformidade com o diálogo entre Freire e hooks, o pensamento crítico é mais que apenas uma habilidade, é um processo interativo e uma ação que transforma e faz esperar possibilidades de autonomia e discernimento sobre si e sobre os outros e a sutileza de entender as falácias e as superficialidades que existem quando começamos a treinar nosso senso crítico de compreensão das coisas. Ressaltamos que, a partir do diálogo tecido entre hooks e Freire, o processo de pensamento crítico deve ser exercitado desde o momento da infância das crianças, em seus lares e continuar com a entrada delas na educação básica, fundamental, média e superior.

Essas diferentes etapas de ensino educacional na vida destas e destes sujeitos implica no desenvolvimento de habilidades, na produção de cidadãs e cidadãos conscientes. E, sobretudo, se o espaço de sala de aula é encarado e promovido através de uma pedagogia engajada e crítica onde educadoras/educadores e educandas/educandos possam vivenciar interações entre si, engajarem em uma comunidade de aprendizado, a energia destes espaços pedagógicos, didáticos e educacionais se torna muito mais positiva e propícia ao aprendizado e ao processo de formação do pensamento crítico.

Sugerindo uma resposta poética e heurística ao que é o processo de pensamento crítico, após tecido diálogos teóricos entre duas grandes figuras da área da educação e dos estudos de gênero, raça e classe, tendo o cuidado de entender a localidade de cada autor(a), podemos, humildemente sugerir que tal noção, sendo contemplada no âmbito do ensino, é embasada em diferentes pedagogias (engajada, da autonomia, do oprimido, da emancipação, hermenêutica, etc.) e práticas didáticas e educativas que simbolizam a liberdade, a emancipação e a autonomia de suas comunidades de aprendizagem.

Dessa forma, a escola e a universidade são locais em que a natureza democrática do aprendizado deve ser fomentada por meio das interações, da hermenêutica, dos diálogos e dos vínculos tramados ao longo desta jornada entre educadoras/educadores e seus educandos e educandas. Afinal, a “educação democrática se baseia no pressuposto de que a democracia funciona, de que é a base de todo o ensino e toda aprendizagem genuínos” (hooks, 2020, p. 45).

3 A formação para a criticidade no campo acadêmico da comunicação

O conceito de campo e campo acadêmico de Pierre Bourdieu, nas ciências sociais e humanas, é constantemente utilizado para tecer aproximações com outros campos, como o

social, político e cultural. Neste artigo, tensionamos tais noções ao campo acadêmico da Comunicação Social.

A constituição “interna” do campo da Comunicação, segundo afere Braga (2011) possui interdisciplinaridade com outras áreas de conhecimento, com objetos de preocupação do campo e objetivos de outras disciplinas das sociais e humanas.

À expressão “construção” do Campo da Comunicação, prefiro o termo “constituição” do campo, porque neste comparecem dois sentidos complementares relevantes para o nosso tema: o constituir-se enquanto processo de elaboração do campo – a construção propriamente dita; e a organização interna da coisa, que assim a constitui (Braga, 2011, p. 63).

Prontamente dito por Lopes (2006, p. 19), uma das pesquisadoras de mérito da comunicação e dela enquanto objeto, na pesquisa de comunicação, “as diversas tradições teórico-metodológicas, tal como nas ciências sociais em escala mais ampla, têm sido postas em revisão nos últimos anos”.

A formação acadêmica no campo da Comunicação Social apresenta desafios quando se trata de fomentar o pensamento crítico entre estudantes e futuros profissionais. Embora o campo possua tradições teóricas e até mesmo epistemológicas que privilegiam a crítica às estruturas de poder, às mediações culturais e aos processos ideológicos que atravessam a produção simbólica, a operacionalização dessa criticidade nas práticas pedagógicas nem sempre se consolida de forma efetiva.

Parte-se aqui da premissa, trabalhada anteriormente com Paulo Freire (2023) e bell hooks (2020), de que pensar criticamente não é apenas um exercício teórico, mas uma prática situada, coletiva e transformadora. Sendo assim, cabe refletir sobre como o ensino da Comunicação tem – ou não – contribuído para essa formação.

Historicamente, a crítica esteve presente nas matrizes teóricas que fundaram o campo da Comunicação na América Latina. Autores como Maria Immacolata Lopes (2006), Jesús Martín-Barbero (2009), Néstor García Canclini (2008) e Muniz Sodré (2006) desenvolveram abordagens e perspectivas de análise das mediações culturais, da colonialidade e das tensões entre produção simbólica e processos sociais.

Essas contribuições revelam uma tradição de pensamento que reconhece a comunicação como prática social complexa, e não como mera técnica de transmissão. No entanto, essa densidade epistemológica nem sempre encontra espaço nas práticas pedagógicas cotidianas dos cursos de graduação. Há uma cisão recorrente entre a teoria crítica e a formação voltada para o mercado, que tensiona os objetivos formativos da área.

A predominância de uma lógica produtivista pode restringir o potencial transformador do ensino da Comunicação, esvaziando as possibilidades de um engajamento reflexivo com os fenômenos midiáticos e com os próprios processos de ensino-aprendizagem. O desafio, portanto, consiste em criar espaços pedagógicos que favoreçam a escuta, o diálogo e a problematização – fundamentos da pedagogia freireana e do ensino como ato de resistência, proposto por bell hooks.

Portanto, pensar a formação para a criticidade no campo acadêmico da Comunicação exige revisitar os fundamentos epistemológicos da área, bem como os modos de ensinar e aprender. Mais do que transmitir conteúdos, trata-se de criar condições para que o conhecimento se torne experiência vivida, situada e politicamente implicada. A criticidade, nesse contexto, não é um adorno teórico, mas um eixo estruturante de uma formação comprometida com a transformação social.

4 Protocolos metodológicos: um estudo exploratório sobre a noção de pensamento crítico nas pesquisas da área de Comunicação Social

A adoção do estudo exploratório, neste artigo, nos ajudou a entender os usos da noção de pensamento crítico nas pesquisas de comunicação social. Configurando um estado da arte, ainda sucinto, de trabalhos que adotaram, de alguma forma, o uso do termo pensamento crítico em suas análises ou no texto corrido, podemos observar que a adoção desse conceito possui diferentes significações, abrangências e decorrências.

Para este momento da pesquisa de estado da arte, optamos pelo recorte da área de Comunicação social, onde mapeamos um total de vinte e quatro (24) pesquisas, na área de Comunicação Social, com onze (11) artigos científicos, nove (9) monografias, duas (2) teses e duas (2) dissertações. Esses trabalhos foram mapeados, neste primeiro recorte e momento da pesquisa, a partir de dois indexadores, Google Acadêmico e Scielo Brasil. Nessa coleta, dois artigos foram mencionados em nosso corpus, porém acabaram retirados por conta do período temporal escolhido para a composição dos critérios de seleção.

Escolhemos enquanto marco temporal o período de cinco anos, a começar por 2019 e findar em 2024 e enquanto critérios de análise, adotamos dois principais: a) pesquisas específicas do campo da comunicação e b) pesquisas que, em algum momento do texto, utilizam da noção de pensamento crítico e/ou explicam tal conceito.

Desenhamos um quadro com todas as vinte e quatro (24) pesquisas selecionadas para o corpus, no entanto, pelas limitações de caracteres e páginas, esse quadro será disponibilizado enquanto apêndice. Sendo a maior porcentagem a de artigos científicos e monografias na área de comunicação e informação, a maioria desses estudos avança sobre objetos diversos e abordagens teóricas distintas, entretanto, tanto nas pesquisas de conclusão de curso, de artigos para periódicos até as pesquisas de mestrado e doutorado, nossa conclusão é de que, grande parcela dos estudos selecionados sequer explica o que é a noção de pensamento crítico.

A quantidade de vezes que a noção é utilizada varia de caso a caso, a maioria dos artigos menciona o termo apenas uma vez ou no máximo 3 vezes. Já em monografias, teses e dissertações, há uma variação de 5 menções até no máximo, que encontramos aqui, de 16 menções da noção “pensamento crítico”. A predominância significativa dessa noção, nas pesquisas, é voltada para a explicação de um senso crítico argumentativo ou para refletir sobre práticas, atividades e ações. O foco do uso do termo não está em entendê-lo ou explicá-lo, mas apenas o mencionar enquanto uma palavra de apoio. Muitas vezes, pelas nossas observações, a noção de pensamento crítico se apoia em outras perspectivas analisadas antes, ao exemplo de retomar ou afirmar uma percepção argumentativa dita anterior, ou posteriormente no parágrafo.

Abaixo, disponibilizamos as quinze (15) angulações que habitualmente são oferecidas pelas pesquisas, e que perspectivam o pensamento crítico, segundo clivagens empíricas:

Quadro 1: Angulações empíricas oferecidas pelas pesquisas em Comunicação Social.

Comunicação	Comunicação e Audiovisual Comunicação e Cidadania Comunicação e Conhecimento transdisciplinar Comunicação e Cosmopolítica Comunicação e Educação Comunicação e Educomunicação Comunicação e Formação Comunicação e Novas tecnologias
Jornalismo	Jornalismo e Ambiental Jornalismo Audiovisual Jornalismo Digital Jornalismo e Formação
Publicidade	Publicidade e Audiovisual Publicidade e Formação
Relações Públicas	Relações Públicas e Formação

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

O resultado desse levantamento incidiu em uma incógnita do que é, para as pesquisas em comunicação social, o pensamento crítico. Tendo em vista o que foi mapeado até aqui, podemos dizer que o pensamento crítico enquanto uma noção ou conceito ainda carece de estudos na área da comunicação, haja vista que a falta de significado ou a dissipação de conformidade entre a noção em cada pesquisa o torna uma noção simplista e com pouca tangibilidade teórica.

5 Ponderações finais

O pensamento crítico ou o processo de pensamento crítico pode ser considerado um processo interativo e uma ação transformadora, indo além do lado cognitivo de competências ou habilidades. Conforme diálogo tecido entre Freire e hooks, conciliamos uma trama dialógica que fomenta o processo de pensamento crítico a partir de uma pedagogia da liberdade, que encoraja para uma concepção de práticas engajadas no ensino, desde a educação básica ao ensino superior. Bem como também pela perspectiva freireana de uma pedagogia crítica que visa a transformação pela práxis de liberdade, emancipação e autonomia de suas e seus sujeitos de conhecimento.

Tendo a dúvida como nossa aliada, neste artigo buscamos explorar o que as pesquisas em comunicação entendem pela noção de pensamento crítico e de que forma esses estudos a usam. Por tratar-se de um estudo exploratório inicial, optamos pelo recorte da área a qual nos filiamos, a comunicação social, além de também utilizarmos desse momento como um exercício para a construção de um estado da arte, ainda inicial e breve sobre o tema.

Percebemos, ao decorrer do estudo, que, a grande maioria das pesquisas mapeadas apenas menciona a noção de pensamento crítico, seja para explicar ou afirmar alguma percepção anterior, ou posterior no parágrafo, ou para fomentar a perspectiva simplista de um condicionamento racional pela capacidade de argumentar. Tratando-se de um exploratório que incide sobre o campo da comunicação, acabamos por limitar nossas buscas a revistas da área, a mananciais e repositórios de universidades, com o auxílio de dois indexadores, Google Acadêmico e Scielo Brasil.

Afirmamos que nossas buscas não resultaram na resposta aos nossos questionamentos do que é o pensamento crítico para a comunicação social, entretanto serviram como uma ponte para visualizarmos as lacunas teóricas e herméticas que existem sobre esse conceito/noção nas pesquisas de comunicação social.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, XXV, v. 58, p. 62-77, janeiro-abril, 2011. Disponível em: doi: 10.4013/ver.2011.25.58.07. Acesso em: 13 jun. 2025.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

HOOKS, bell. **Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

LOPES, Maria Immacolata V. O campo da Comunicação: sua constituição, desafio e dilemas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 30, agosto, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3372/2637>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.